

# Potencial empreendedor de acadêmicos dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física de Porto Velho

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2022e36176246>

Rodrigo Pereira Braga\*  
André de Castro Batista\*  
Daniel Delani\*  
Silvia Teixeira de Pinho\*  
Tatiane Gomes Teixeira\*

\*Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil.

## Resumo

Na atualidade, o Profissional de Educação Física (EDF) enfrenta mudanças significativas em seu mercado de trabalho. Diante do novo cenário, é essencial para esta classe de profissionais desenvolverem a habilidade empreendedora. Este estudo teve como objetivo investigar o potencial empreendedor dos acadêmicos dos cursos de Licenciatura (LI) e Bacharelado (BA) em EDF na cidade de Porto Velho. O potencial empreendedor foi avaliado através da Escala de Avaliação do Potencial Empreendedor. A amostra foi composta por 61 estudantes de BA e 101 de LI em EDF (total 162 acadêmicos), na faixa etária de 18 a 65 anos. Destes, 76 estavam na primeira metade (INI) e 86 estavam na segunda metade (FIN) do curso. Para análise dos dados foi utilizada estatística descritiva e inferencial. O teste de Wilcoxon Mann-Whitney (amostras independentes) foi utilizado para comparação dos grupos (BA versus LI; e INI versus FIN), utilizando-se o valor de  $p \leq 0,05$  para indicação de significância estatística. Os resultados indicaram que 134 respondentes (83%) apresentaram potencial empreendedor considerado muito forte, com escore de 8 a 10. Não foram encontradas diferenças no perfil empreendedor quando comparados os dados por tipo de curso (BA:  $8,16 \pm 1,16$ ); (LI:  $8,23 \pm 1,05$ ), ou etapa do curso (INI:  $8,23 \pm 1,06$ ); (FIN:  $8,20 \pm 1,12$ ). Conclui-se que independentemente da formação (LI/BA) ou etapa do curso, os acadêmicos de EDF de Porto Velho apresentam potencial empreendedor considerado forte e muito forte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mercado de trabalho; Habilidade empreendedora; Formação profissional; Etapa do curso.

## Introdução

No cenário atual de forte competitividade, profissionais de Educação Física (EDF) empreendedores tendem a se destacar, independentemente de seu campo de atuação. Isso porque, embora o tema empreendedorismo esteja mais associado a ideia de criação e manutenção do próprio negócio, a atitude empreendedora é desejável para todos os campos de atuação, incluindo escolas, academias, clubes e unidades de saúde<sup>1-3</sup>.

DORNELAS<sup>4</sup> conceitua empreendedorismo como o envolvimento de pessoas e processos que, em

conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades. De acordo com o autor, nesse mesmo contexto, o empreendedor é aquele que faz as coisas acontecerem, se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização.

O tema empreendedorismo na EDF é recente, consequência da considerável expansão de seus campos de atuação profissional, seja no âmbito escolar ou não-escolar<sup>5,6</sup>. Entretanto, poucos estudos buscam compreender o potencial empreendedor desses profissionais.

Embora a quantidade de publicações sobre o tema não seja suficiente para estabelecer cientificamente o perfil empreendedor na área de EDF, as pesquisas e reflexões realizadas<sup>1,6,7</sup>, tem servido de fonte de conhecimento importante para Instituições de Ensino Superior (IES), ajudando-as a se situar melhor no desenvolvimento dessas habilidades ao longo do processo de formação profissional. O desenvolvimento do perfil e potencial empreendedor acontece (ou deveria acontecer) nas IES, por meio da criação de condições para estimular e aprimorar a criatividade. No entanto, essa dimensão da formação do futuro profissional de EDF nem sempre está presente nos currículos ou nos processos formativos institucionais.

O profissional de EDF no Brasil enfrenta desafios e perspectivas conexos ao seu mercado de trabalho e às transformações da sociedade<sup>8,9,10</sup>. Portanto, ações empreendedoras e inovadoras devem fazer parte de seu processo de formação profissional<sup>2</sup>. Todavia, não há um padrão para as diferentes habilitações da área<sup>11,12</sup>.

O grande desafio para a formação do empreendedor nos cursos de Licenciatura (LI) e Bacharelado (BA) em EDF, de acordo com Lobato

e CARMO<sup>7</sup>, envolve: buscar referências para aprender as competências necessárias a um empreendedor, detectar os melhores conteúdos programáticos, captar a dinâmica educacional mais adequada e explorar os mecanismos que coloquem em ação a atividade pedagógica desejada.

Diante do exposto, esta pesquisa buscou analisar o potencial empreendedor de acadêmicos de cursos de LI e BA em EDF na cidade de Porto Velho, a fim de compreender se a formação oferecida nestes cursos interfere no perfil empreendedor. Também foi objetivo comparar os resultados obtidos entre os estudantes que estão nos dois primeiros anos e os estudantes que estão no terceiro ano em diante da graduação, em relação ao potencial empreendedor.

Antes da coleta de dados as hipóteses iniciais da pesquisa foram: a) estudantes de BA tem maiores escores que estudantes de LI no quesito empreender; e b) acadêmicos matriculados na primeira metade do curso tem maiores escores que aqueles matriculados do 5º período em diante. A pesquisa faz parte do Projeto Formação e Atuação Profissional na área de EDF, aprovado no Comitê de ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia sob número de parecer 2.307.443.

## Método

A presente pesquisa é de abordagem quantitativa e recorte transversal. Desta forma, o objetivo foi quantificar os dados e generalizar os resultados das amostras em um momento particular<sup>13</sup>. Igualmente, esse estudo possui caráter comparativo, já que visou a comparação dos dados coletados entre grupos de indivíduos em relação à atitude empreendedora e ao potencial empreendedor.

A população foi composta por acadêmicos dos cursos de LI e BA em EDF de duas IES da cidade de Porto Velho. A amostra foi definida por conveniência e constitui-se de 162 acadêmicos de ambos os sexos, com idade entre 18 e 65 anos. Participaram da pesquisa todos os acadêmicos que se dispuseram a responder a Escala de Avaliação do Potencial Empreendedor e concordaram em compor a amostra do estudo, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A Escala foi respondida de forma auto-administrada pelos estudantes no horário habitual das aulas dos respectivos cursos,

com autorização prévia do professor. A pesquisa de campo ocorreu no segundo semestre de 2017.

A escala de avaliação do potencial empreendedor foi desenvolvida por SANTOS<sup>14</sup> e validada por ALVES e BORNIA<sup>15</sup> a partir de estudos realizados no Brasil. Recentemente seus níveis de precisão para predição do potencial empreendedor foram confirmados por SOUZA et al.<sup>16</sup>. Sua finalidade é estimar o potencial empreendedor dos respondentes através de 49 questões que abordam perfis e características empreendedoras, baseadas nos seguintes construtos: Intenção de empreender, Oportunidade, Persistência, Eficiência, Informações, Planejamento, Metas, Controle, Persuasão e Rede de Relacionamentos. Os construtos que fazem parte da escala estão distribuídos em 3 categorias ou blocos. O 1º diz respeito à realização e planejamento, que se referem a habilidade empreendedora. O 2º bloco se refere a resolução de problemas, relacionadas ao empreendedorismo; e o 3º bloco diz respeito à habilidade empreendedora de influência/relação com as pessoas.

A escala utilizada apresenta em cada questão uma opção de resposta que consiste num continuum de 0 a 10, baseada no quanto ele concorda ou discorda de cada afirmativa. A título de exemplificação, para a pergunta: com certeza um dia terei meu próprio negócio, o respondente define sua resposta entre: Discordo Totalmente (sem chance) – equivale de 0 a 2 pontos na Escala; Discordo – equivale de 2 a 4,5 pontos na Escala; Neutro – equivale de 4,5 a 7 na Escala; Concordo – equivale de 7 a 8 na Escala; Concordo Totalmente (certeza absoluta) – equivale de 8 a 10 pontos na Escala.

A análise do potencial empreendedor ocorreu a partir da soma simples dos números indicados nas respostas das questões 5 a 49, seguida da divisão por 45. Para cálculo dos 10 construtos, foram considerados os números indicados nas respostas. As questões consideradas para cálculo de cada um dos construtos consta a seguir: 1) Intenção de empreender - questões 01 a 04; 2) Oportunidade – questões 05 a 09; 3) Persistência – questões 10 a 15; 4) Eficiência – questões 16 a 18; 5) Informações - questões 19 a 23; 6)

Planejamento – questões 24 a 27; 7) Metas – questões 28 a 34; 8) Controle – questões 35 a 39; 9) Persuasão – questões 40 a 44; e 10) Rede de relações – questões 45 a 49. Escores com até 2 indicam existência de potencial empreendedor e de intenção de empreender muito fraco, de 2 até 4 fraco, de 4 até 6 normal, de 6 até 8 forte e de 8 até 10 muito forte<sup>17</sup>.

A análise dos dados foi realizada de forma quantitativa utilizando o software estatístico *ActionStat*. Após organização dos grupos, foram comparados estudantes de BA versus estudantes de LI; e estudantes que estão na 1ª metade – INI (entre o 1º e o 4º semestres) versus aqueles que estão na 2ª metade em diante do curso – FIN. As comparações entre os grupos foram feitas pelo teste estatístico de *Wilcoxon-Mann-Whitney*. Foram realizadas também as seguintes análises de correlação, a partir do cálculo do coeficiente de correlação de *Spearman*: idade versus perfil empreendedor, tempo de graduação versus perfil empreendedor e sexo versus perfil empreendedor. Como nível de significância adotou-se o nível de significância de  $p < 0,05$ .

## Resultados

Para realizar as comparações propostas, os 162 sujeitos foram alocados em grupos, de acordo com: a) modalidade do curso - BA (n=61) ou LI (n=101); b) tempo de ingresso no curso - INI (n=76) e FIN (n=86).

Na TABELA 1 apresenta-se os escores dos 162 entrevistados, com os sujeitos alocados segundo

modalidade do curso. Quesitos como idade, tempo de ingresso, intenção de empreender, oportunidade, persistência, eficiência, informações, planejamento, metas, controle, persuasão, rede e potencial empreendedor puderam ser comparados entre os acadêmicos de BA e LI.

TABELA 1 - Intenção de empreender e potencial empreendedor de acadêmicos de cursos de BA e LI da cidade de Porto Velho.

Variáveis	Todos (n=162)	BA (n=61)	LI (n=101)	p*#
Idade (anos)	24,92 ± 6,92	25 ± 8	25 ± 6,2	0,25
Tempo de ingresso (anos)	2,37 ± 1,17	2,53 ± 0,85	2,27 ± 2,67	0,46
Intenção de empreender	7,97 ± 2,50	7,91 ± 1,77	8,00 ± 2,86	0,90
Oportunidade	7,83 ± 1,40	7,95 ± 1,18	7,73 ± 1,49	0,51
Persistência	8,90 ± 1,33	8,88 ± 1,39	8,90 ± 1,28	0,93
Eficiência	8,76 ± 1,29	8,75 ± 1,22	8,67 ± 1,37	0,92
Informações	9,04 ± 1,05	8,22 ± 1,12	9,09 ± 1,01	0,56
Planejamento	7,42 ± 1,83	7,58 ± 1,69	7,32 ± 1,89	0,55
Metas	8,21 ± 1,47	8,08 ± 1,61	8,28 ± 1,38	0,52
Controle	7,53 ± 1,84	7,66 ± 1,79	7,47 ± 1,89	0,56
Persuasão	7,87 ± 1,60	7,71 ± 1,79	7,97 ± 1,53	0,44
Rede	8,38 ± 1,56	8,11 ± 1,88	8,67 ± 1,32	0,18
Potencial empreendedor	8,22 ± 1,10	8,16 ± 1,16	8,23 ± 1,05	0,96

\*As variáveis idade e tempo de ingresso foram testadas pelo teste t para amostras independentes.  
#As demais variáveis foram analisadas pelo teste de Wilcoxon Mann-Whitney (para amostras independentes).

Observa-se que em ambos os grupos a média de todos os construtos é superior a 6, escore considerado forte potencial empreendedor por Santos, (2010). Apenas 4 sujeitos (4,92%) do Grupo BA e 03 (3,96%) do Grupo LI apresentaram escore inferior a 6 para o potencial empreendedor.

Não foram encontradas diferenças significativas

no potencial empreendedor, quando comparamos os grupos BA e LI. Desta forma, entende-se que, independentemente da formação, os acadêmicos apresentam potencial empreendedor semelhante.

Na TABELA 2, observa-se a comparação dos dados analisados quando os sujeitos foram organizados segundo período em que se encontram no curso de graduação em EDF.

TABELA 2 - Intenção de empreender e potencial empreendedor de acadêmicos de cursos de BA e LI da cidade de Porto Velho.

Variáveis	INI (n=76)	FIN (n=86)	p*#
Idade (anos)#	23,63± 6,07	26,07±7,46	<0,01
Tempo de ingresso (anos)*	1,05 ± 0,50	3,53±2,41	<0,01
Intenção de empreender	7,98 ± 1,86	7,72± 2,02	0,31
Oportunidade	7,85± 1,37	7,79 ± 1,41	0,82
Persistência	8,93± 1,28	8,85± 1,36	0,49
Eficiência	8,81± 1,31	8,61± 1,31	0,25
Informações	9,03± 1,08	9,02± 1,03	0,94
Planejamento	7,34± 1,77	7,48± 1,87	0,60
Metas	8,22± 1,46	8,19± 1,49	0,89
Controle	7,54± 1,82	7,54± 1,90	0,86
Persuasão	7,81± 1,84	7,93± 1,43	0,89
Rede	8,53± 1,64	8,40± 1,52	0,38
Potencial empreendedor	8,23 ± 1,06	8,20± 1,12	0,84

\*As variáveis idade e tempo de ingresso foram testadas pelo teste t para amostras independentes.  
#As demais variáveis foram analisadas pelo teste de Wilcoxon Mann-Whitney (para amostras independentes).

Verifica-se que, independentemente do curso realizado (BA ou LI), ou do período de ingresso e tempo de estudos (INI ou FIN), o potencial empreendedor apresenta valores similares na amostra analisada.

Nas análises de correlação nenhuma associação significativa foi encontrada entre os domínios avaliados pela Escala utilizada e idade, sexo ou tempo de graduação (todos  $p>0,05$ ).

## Discussão

Dois resultados se destacaram no presente estudo: 1) os acadêmicos dos cursos de EDF apresentaram intenção de empreender e potencial empreendedor forte e muito forte, respectivamente; e 2) não foram encontradas diferenças entre os estudantes em quaisquer das características empreendedoras quando comparados por modalidade (BA ou LI) ou etapa do curso em que se encontravam. Tais resultados diferiram das hipóteses iniciais do estudo, tanto no que diz respeito aos altos escores encontrados quanto à inexistência de diferenças entre grupos de estudantes de BA e LI.

Os altos escores encontrados sugerem que, em geral, os estudantes de EDF tem consciência da postura profissional exigida pelo mercado de trabalho atual, mostrando-se dispostos a adotarem uma postura

empreendedora quando concluírem sua graduação. Compreendendo empreendedor como aquele que faz as coisas acontecerem e se antecipa aos fatos<sup>4</sup>, tal resultado representa que os discentes pesquisados, em sua maioria, estão fortemente propensos a se portarem de forma proativa diante do mundo do trabalho, não apenas buscando, mas também produzindo oportunidades e possibilidades profissionais.

Em pesquisa recente do nosso grupo de pesquisa<sup>18</sup> demonstramos que parcela importante dos profissionais de EDF atuavam em dois ou mais locais, o que sugere proatividade dos mesmos, seja no sentido de assumir as oportunidades que surgem ou de buscar ampliar sua possibilidade de atuação. Assumindo que profissional de EDF no Brasil enfrenta desafios no mundo

de trabalho<sup>8,9,10</sup>, o resultado da presente pesquisa demonstra que os futuros profissionais estão cada vez mais conscientes da realidade que se apresenta.

Interessantemente, BRONOSKY<sup>19</sup> revelou que 100% (n=30) dos acadêmicos de EDF de uma Universidade do Sul do Brasil pretendiam, depois de formados, desenvolverem negócios próprios. Tal resultado viabiliza afirmar que a área de EDF no Brasil tem atraído jovens com características empreendedoras, o que se aplica tanto ao entendimento do termo como atitude proativa, criativa e independente quanto do seu entendimento mais difundido popularmente - sujeito que abre e gerencia seu próprio negócio. É relevante ressaltar que o resultado encontrado por BRONOSKY<sup>19</sup> foi considerado pela autora como surpreendente. Entre os mais de quinze cursos por ela pesquisados, incluindo licenciaturas e bacharelados, somente na EDF todos os estudantes tinham pretensão de desenvolverem o próprio negócio.

Diferentemente dos animadores resultados descritos na presente pesquisa e daqueles encontrados por BRONOSKY<sup>19</sup>, duas pesquisas realizadas em cidades do interior do Estado de Minas Gerais (MG), encontraram baixa frequência de perfil empreendedor entre estudantes de EDF. LOBATO e CARMO<sup>7</sup> avaliaram o potencial empreendedor de acadêmicos de EDF da Universidade Federal de Viçosa. Os autores avaliaram tal variável quando os alunos estavam em dois momentos do curso: no 1º e 7º período. Nos dois momentos, o potencial empreendedor da maioria dos alunos (85 e 78%, respectivamente) foi classificado como transitório. Ademais, no 7º período nenhum discente apresentou grande potencial empreendedor; e apenas dois alcançaram pontuação classificada como forte.

No mesmo sentido, a frequência de estudantes com tendências empreendedoras classificadas como inexistente ou fraquíssima prevaleceu (88,57%) em pesquisa realizada em Montes Claros<sup>20</sup>. O fato de as duas pesquisas que revelaram baixo potencial empreendedor entre estudantes de EDF terem sido conduzidas no mesmo Estado (MG) indica a necessidade de estudos comparativos entre distintas regiões do Brasil para que seja possível compreender melhor a realidade. Isso porque, embora possa haver, de fato, diferenças substanciais entre as regiões brasileiras em relação à temática pesquisada, alguns aspectos metodológicos podem ser fonte das diferenças relatadas. Dentre esses destacam-se o instrumento de coleta de dados, os valores para classificação dos escores, a etapa da formação em que os estudantes se encontram.

Diante desse contexto, faz-se importante comparar a presente pesquisa com outras que utilizaram o mesmo questionário aqui empregado, como SANTOS<sup>17</sup>, CHAGAS<sup>21</sup> e LEITE<sup>22</sup>. O primeiro avaliou estudantes do curso de Farmácia da Universidade Federal de Alagoas. Ao assumir os mesmos pontos de classificação adotados na presente pesquisa, as médias para intenção de empreender ( $6,77 \pm 1,85$ ) e potencial empreendedor ( $7,44 \pm 0,92$ ) se classificam como fortes. Entretanto, os valores são inferiores àqueles encontrados entre os acadêmicos de EDF no presente estudo.

A pesquisa de CHAGAS<sup>21</sup>, realizada em Universidade do Nordeste brasileiro, também permite reafirmar que os escores encontrados no curso de EDF foram, de fato, elevados. Entre estudantes ingressantes e concluintes do curso de ciências contábeis, as médias encontradas para intenção de empreender (5,6 e 5,8, respectivamente) e potencial empreendedor (7,7 e 7,8, respectivamente) foram inferiores às encontradas na pesquisa atual. O mesmo é verdadeiro quando analisados na mesma pesquisa os escores de estudantes de ciências atuariais.

Já quando considerados estudantes de engenharia mecânica e de produção, os escores de intenção empreender ( $7,03 \pm 2,11$ ) e potencial empreendedor ( $8,15 \pm 0,91$ ) sem aproximaram aqueles encontrados entre estudantes de EDF. Portanto, mesmo diante das diferenças metodológicas existentes entre pesquisas que investigaram especificamente estudantes de EDF, é possível afirmar que, a amostra incluída na presente pesquisa apresentou escores elevados, diante das informações disponíveis a partir de outros cursos.

Retomando a comparação sobre estudos envolvendo estudantes de EDF, o momento em que os dados foram coletados também pode ser fonte de explicação. Aquelas que encontraram baixa frequência de alunos com elevado potencial empreendedor foram conduzidas antes de 2010. Assim, é possível que na última década as IES tenham incorporado a formação para o empreendedorismo, resultando em mudanças nos escores de variáveis relacionadas a tal temática. Sugere-se, desta forma, que o empreendedorismo se fortaleceu nos cursos de EDF, provavelmente influenciados pelas transformações na área de atuação desse profissional<sup>2</sup>, especialmente com sua inclusão no setor da saúde<sup>23</sup>.

Entendemos que o desenvolvimento do potencial empreendedor acontece (ou deveria acontecer) nas IES, por meio da criação de condições para estimular e aprimorar a criatividade. Na mesma perspectiva de pensamento, LIMA et al.<sup>24</sup> consideram que os benefícios resultantes de uma formação em nível superior que trabalha a temática do empreendedorismo incluem a ampliação da proatividade, iniciativa e criatividade,

o que é positivo para a carreira de todos, inclusive daqueles que irão se inserir no mercado de trabalho na condição de empregados. Portanto, ações empreendedoras e inovadoras devem fazer parte do processo de formação profissional<sup>2</sup>.

Na formação do futuro profissional de EDF, no entanto, o empreendedorismo nem sempre está presente nos currículos ou nos processos formativos institucionais, o que pode justificar a ausência de diferenças na comparação dos escores de estudantes que estavam na primeira e na segunda metade do curso. Por outro lado, um estudo anterior demonstrou que a prevalência de estudantes com perfil empreendedor mais forte se reduz no final do curso<sup>7</sup>; tornando possível levantar a hipótese que os cursos trabalham a temática de empreendedorismo e, por isso, os escores não diferiram entre alunos da etapa inicial e final do curso. Para compreender adequadamente a realidade encontrada é necessário que estudos longitudinais sejam conduzidos.

Visto que é pequeno o número de publicações sobre empreendedorismo na EDF, é importante que outras investigações sejam conduzidas, servindo de fonte de conhecimento importante para IES, ajudando-as a se situar melhor no desenvolvimento dessas habilidades ao longo do processo de formação profissional. Em outras palavras, esta é uma área de pesquisa que precisa avançar em todos os cursos nas IES. Estes estudos podem auxiliar os acadêmicos com relação ao seu futuro profissional, bem como mudar, em muitos casos, a forma como o empreendedorismo é ou não ensinado nos cursos de formação superior. A relevância do tema no âmbito da formação é corroborada pela existência de uma consistente produção acadêmica na área da educação<sup>25</sup>.

Além das questões até aqui apresentadas é relevante discorrer também sobre a importância do empreendedorismo para a colocação do recém graduado do campo de trabalho. Diante de eventual dificuldade de conquistar uma vaga no mercado, profissionais com conhecimento e postura empreendedora podem se sentir mais seguros para dar início a um novo empreendimento. Frente ao cenário com elevado desemprego e dificuldades de inserção profissional no Brasil e na América Latina, tal temática torna-se ainda mais relevante. Esse assunto tem sido especialmente explorado nas pesquisas da área de Administração<sup>3,26,27,28</sup>.

Os resultados ainda revelam que, em algumas características, os acadêmicos apresentaram escores mais elevados em relação aos outros. Os domínios persistência, eficiência, informações e rede de relações foram os valores mais elevados, o que indica que as características

empreendedoras mais fortes entre os estudantes de EDF investigados são as que dizem respeito às habilidades de persistir e perseverar e manter a eficiência, de conhecimento, na questão de construir e manter uma boa rede de informações e de atitudes, no sentido de se destacar nos relacionamentos pessoais, podendo criar uma boa rede de relacionamentos. Na pesquisa de SANTOS<sup>17</sup>, os domínios que tiveram valor mais alto entre estudantes de Farmácia foram: persistência, eficiência, informações e rede de relacionamentos.

Todos os domínios são de extrema relevância para indivíduos que desejam atuar como empreendedores em suas carreiras. Desenvolver estas características e habilidades vai muito além da escolha de que nicho de mercado o futuro profissional vai atuar, ou da escolha do curso de graduação. Assim, unir as escolhas certas ao indivíduo com habilidades empreendedoras é potencializar as chances de sucesso. ITELVINO et al.<sup>29</sup>, demonstraram que a formação do empreendedor está vinculada aos espaços e contextos de aprendizagem, à trajetória de liderança e à motivação para o empreendedorismo, sendo essas categorias permeadas pela educação formal e não formal.

Nos domínios planejamento, oportunidade, controle, persuasão e intenção de empreender os estudantes de EDF investigados apresentaram escores inferiores a oito. É relevante destacar que o domínio planejamento pode ser trabalhado de forma mais objetiva ao longo do curso de graduação. Nesse sentido, a ausência de diferenças entre ingressantes (INI) e veteranos (FIN) é um resultado que difere do esperado.

Outro resultado relevante é ausência de diferenças entre estudantes de BA e LI em EDF. A ausência de diferenças no potencial empreendedor entre os cursos conduz a algumas suposições. A principal é de que os futuros Profissionais de EDF pesquisados apresentam considerável potencial empreendedor e que, independentemente das formações que estão recebendo, apresentam características determinantes de profissionais preocupados com o mercado atual.

Para fortalecer o empreendedorismo nos cursos de EDF, acredita-se que ações extracurriculares devem ser mais enfaticamente desenvolvidas, promovendo a participação em organizações que estimulem e permitam atividade empreendedora de forma supervisionada, tais como: Empresas Juniores, projetos de extensão universitária, organizações estudantis diversas, principalmente as esportivas, participação em eventos formativos de cunho administrativo, como cursos, palestras, seminários etc. Neste sentido, os domínios mais importantes de serem trabalhados são aqueles que indicaram menores

escores: planejamento, oportunidade, controle, persuasão, intenção de empreender.

Para reforçar essa necessidade, no campo de formação profissional, cita-se ECHEVERRI-SÁNCHEZ et al.<sup>30</sup>. Os autores demonstram que os estudantes buscam criar negócios pela expectativa de independência laboral. Para melhor desenvolvimento dessas habilidades, como recomendações às IES, os autores propõem que as universidades adotem modelos de ensino orientados ao empreendedorismo empresarial, a fim de que os estudantes possam adquirir uma visão mais estruturada do setor ao escolherem suas carreiras profissionais.

Ser empreendedor é sonhar e transformar sonhos em ações e ações em resultados. Assim, fica claro que o papel da IES e do professor, na proposta de uma educação empreendedora, é procurar dar assistência ao aluno, acadêmico, ou até mesmo ao profissional já formado, na construção e realização do seu próprio sonho, oferecendo-lhe oportunidades de desenvolver os elementos de suporte que irão torná-lo capaz de conhecer-se melhor, de formular imagens do seu futuro e de buscar o entendimento e os conhecimentos relativos aos sonhos e a sua realização, identificando

oportunidades e gerando novos conhecimentos<sup>31</sup>. É importante enfatizar que não se pretende aqui esgotar esse assunto, mas sim indicar uma nova discussão acerca da promoção e desenvolvimento do potencial empreendedor por parte dos acadêmicos e IES. Desta forma, pode-se concluir que os objetivos do estudo foram atingidos e, de posse dos dados, entende-se que os atuais acadêmicos podem desde agora, realizar ações que o estimulem a desenvolver ainda mais o seu potencial empreendedor, ampliando assim as suas possibilidades de sucesso ao final do período de formação.

Para estudos futuros, ressalta-se a demanda por pesquisas que investiguem o potencial empreendedor de acadêmicos de EDF, bem como profissionais já formados. Estas certamente servirão como balizadores importantes para o desenvolvimento constante das grades curriculares destes cursos. Acompanhar a atuação desta classe profissional pode ser um diferencial. As atualizações e intervenções necessárias devem acontecer rotineiramente, pois a educação é dinâmica, as mudanças culturais, comerciais e tecnológicas são e serão constantes.

## Conclusão

O presente estudo evidencia que os acadêmicos de EDF da cidade de Porto Velho possuem forte potencial empreendedor, independentemente da modalidade do curso (BA ou LI) ou da etapa de sua formação (INI ou FIN).

Os domínios persistência, eficiência, informações e rede de relações foram às características empreendedoras mais fortes entre os estudantes de EDF investigados. Os domínios planejamento,

oportunidade, controle, persuasão e intenção de empreender apresentaram os escores mais baixos.

Para garantir um perfil verdadeiramente empreendedor nos estudantes de EDF na região, sugere-se que as IES criem estratégias para desenvolver essas habilidades no conjunto de seus componentes curriculares.

Sugerimos a realização de estudos futuros para que os presentes resultados sejam confirmados.

## Abstract

Entrepreneurial potential of academics from licentiate and bachelor's degree in Physical Education in Porto Velho.

Currently, the Physical Education Professional (EDF) faces significant changes in his job market. In view of the new scenario, it is essential for this class of professionals to develop entrepreneurial skills. This study aimed to investigate the entrepreneurial potential of undergraduate (LI) and Bachelor (BA) undergraduate students in EDF in the city of Porto Velho. The entrepreneurial potential was assessed using the Entrepreneurial Potential Assessment Scale. The sample consisted of 61 students from BA and 101 from LI in EDF (total 162 students), aged between 18 and 65 years. Of these, 76 were in the first half (INI) and 86 were in the second half (FIN) of the course. For data analysis, descriptive and inferential statistics were used. The Wilcoxon Mann-Whitney test (independent samples) was used to compare the groups (BA versus LI; and INI versus FIN), using a value of  $p \leq 0.05$  to indicate statistical significance. The results indicated that 134 respondents (83%) presented entrepreneurial potential considered very strong, with a score of 8 to 10. No differences were found in the entrepreneurial profile when comparing the data by type of course (BA:  $8.16 \pm 1.16$ ); (LI:  $8.23 \pm 1.05$ ), or stage of the course (INI:  $8.23 \pm 1.06$ ); (FIN:  $8.20 \pm 1.12$ ). It is concluded that regardless of the training (LI / BA) or stage of the course, EDF students from Porto Velho present entrepreneurial potential considered strong and very strong.

**KEYWORDS:** Labor market; Entrepreneurial skill; Professional qualification; Course stage.

## Referências

1. Nascimento DA. Formação, profissão e empreendedorismo: três estudos de caso com professores de educação física do ensino universitário [tese]. Braga (Minho): Universidade do Minho; 2009.
2. Nunes MP, Votre SJ, Santos W. O profissional em educação física no Brasil: desafios e perspectivas no mundo do trabalho. *Motriz*. 2012;18(2):280-290.
3. Tommasi L, Corrochano, MC. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. *Estud Av*. 2020;34(99):353-372.
4. Dornelas JCA. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier; 2005.
5. Broch C, Teixeira FC, Souza J, Rinaldi IPB. A expansão da educação física no ensino superior brasileiro. *J Phys Educ*. 2020;31(22).
6. Dias GP. Empreendedorismo e educação física: reflexões à sua apreensão/implementação na formação humana. *Motrivivência*. 2011;35(1):147-165.
7. Lobato PL, Carmo DD. Estudo do potencial empreendedor dos acadêmicos do 7º período do curso de educação física da Universidade Federal de Viçosa. *Rev Port Ciênc Desporto*. 2009;9(2):83-96.
8. Almeida MB, Montagner PC, Gutierrez GL. A inserção da regulamentação da profissão na área de educação física, dez anos depois: embates, debates e perspectivas. *Movimento*. 2009;15(3):275-292.
9. Pizani J, Teixeira F, Oliveira A, Barbosa-Rinaldi I. A produção de conhecimento sobre formação inicial e currículo em educação física no Brasil. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2019;33(2):241-254.
10. Pereira CAH, Lima MSL, Medeiros JL, Alves FAF, Araújo RR, Pereira ACH. Physical education: from science to teaching. *Res Soc Dev*. 2020;9(9).
11. Caselli AJ, Ferraz OL. A educação física articulada ao currículo transdisciplinar: limites e possibilidades. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2017;31(3):583-600.
12. Magrin NP, Simões RMR, Moreira WW. Formação profissional em educação física: estado da arte. *Kinesis*. 2014;32(2):117-129.
13. Malhotra KM, Taylor RB. Introdução à pesquisa de marketing. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
14. Santos PCF. Uma escala para identificar potencial empreendedor [tese]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de

Santa Catarina; 2008.

15. Alves LRR, Bornia AC. Desenvolvimento de uma escala para medir o potencial empreendedor utilizando a Teoria da Resposta ao Item (TRI). *Gest Prod.* 2011;18(4):775-790.
16. Souza GHS, Santos PCF, Lima C, Cruz NJT, Lezana AGR, Coelho JAPM. Escala de Potencial Empreendedor: evidências de validade fatorial confirmatória, estrutura dimensional e eficácia preditiva. *Gest Prod.* 2017;24(2):324-337.
17. Santos PC, Minuzzi J, Cruz NJT. Propensão e potencial empreendedor em estudantes de farmácia. VI Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. Recife: PE, 2010.
18. Lopes Junior GS, Souza ECL. Atitude empreendedora em proprietários-gerentes de pequenas empresas: construção de um instrumento de medida. *Read.* 2005;11(6):1-21.
19. Bronosky M. A intenção empreendedora no ambiente universitário: caso Unicentro. *Rev Cap Cient.* 2008;6(1):223-238.
20. Carreiro L, Coutinho LTM, Melo Junior RFC, Coutinho WLM. Comparação da tendência empreendedora entre acadêmicos de educação física e fisioterapia. *EFDportes.* 2010;15(148).
21. Chagas RA. Potencial empreendedor: um estudo com os discentes ingressantes e concluintes dos cursos de ciências contábeis e atuariais da Universidade Federal da Paraíba [monografia]. João Pessoa (PB): Universidade Federal da Paraíba; 2019.
22. Leite E. O fenômeno empreendedor. Recife: Bagaço; 2002.
23. Oliveira VJM, Gomes IM. Os desafios da formação profissional em educação física para a área da saúde: uma interpretação a partir de periódicos da área. *Pro-Posições.* 2019;30:1-23.
24. Lima E, Nassif VMJ, Lopes RMA, Silva D. Educação superior em empreendedorismo e intenções empreendedoras dos estudantes. *Cad Pesqui.* 2014;3:1-51.
25. Pandolfi MA, Lopes RE. A educação voltada para o empreendedorismo: Um levantamento do debate acadêmico. *Rev HISTEDBR.* 2013;49:177-196.
26. Albarracin EJG, Aguilar RAG, Ripoll RR. Actitud e intención emprendedora em estudiantes de administración de empresas y de contaduría pública. *Rev Univ Empr.* 2020;22(38):79-105.
27. Leyva-Carreras AB, Alcantara-Castelo JR, Espejel-Blanco MA. Formación del perfil emprendedor en educación superior en la Universidad de Sonora, México. *Rev Esc Adm Neg.* 2019;86:115-132.
28. Paraíso DC, Rocha DF, Silva V, Silva CQ, Silva JMC, Soares SM. Empreendedorismo: análise do perfil dos acadêmicos do curso de administração da Unimontes. *Rev Interc.* 2016;7(1):208-228.
29. Itelvino LS, Costa PR, Gohn MG, Ramacciotti C. Formação do empreendedor social e a educação formal e não formal: um estudo a partir de narrativas de história de vida. *Ensaio.* 2018;26(99):471-504.
30. Echeverri-Sanchez L, Valencia-Arias A. Factores que inciden en la intención emprendedora del estudiantado universitario: un análisis cualitativo. *Educare Heredia.* 2018;22(2):160-178.
31. Batista GL, Borges CJ, Brito GD, Nunes LI. Educação Empreendedora na Escola: 5 pilares do empreendedorismo. Porto Velho: Edufro; 2007.

ENDEREÇO

Silvia Teixeira de Pinho  
Rua Jardins, 906 - Casa 73  
76817-001 - Porto Velho - RO - Brasil  
E-mail: silvia@unir.br  
silviapinho@usp.br

Submetido: 16/10/2020

Revisado: 10/03/2022

Aceito: 14/06/2022